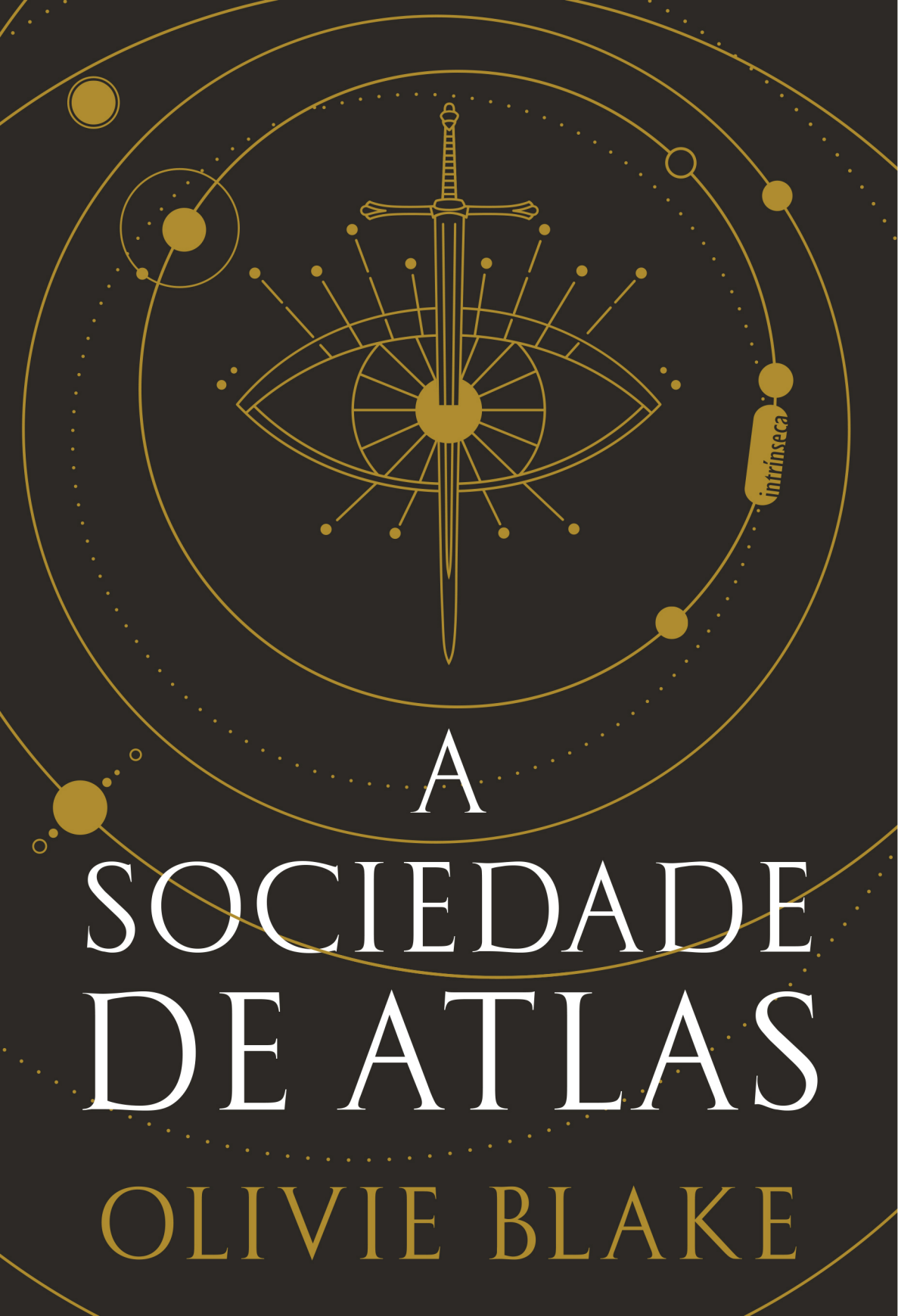
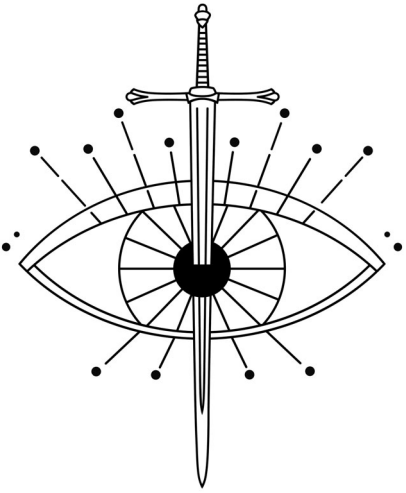

intrínseca
A
SOCIEDADE
DE ATLAS
OLIVIE BLAKE



A SOCIEDADE DE ATLAS

OLIVIE BLAKE

Tradução de Karine Ribeiro

intrínseca

Copyright © 2021 by Alexene Farol Follmuth
Copyright do texto © 2021 by Olivie Blake
Publicado mediante acordo com Tom Doherty Associates, LLC.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
The Atlas Six

PREPARAÇÃO
João Rodrigues

REVISÃO
Carolina Vaz

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO
Little Chmura

DESIGN DE CAPA
Jamie Stafford-Hill

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B568s

Blake, Olivie.
A sociedade de atlas / Olivie Blake ; tradução Karine Ribeiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
448 p. ; 23 cm. (Sociedade de atlas ; 1)

Tradução de: The atlas six.
ISBN 978-65-5560-458-0.

1. Ficção americana. I. Ribeiro, Karine. II. Título. III. Série.

22-77120 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2022]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

· COMEÇO ·

Talvez fossem algo muito batido, todas as referências que o mundo já fizera à Ptolemaica Biblioteca Real de Alexandria. No decorrer da história, a biblioteca se tornou um tema infinitamente fascinante, seja porque a obsessão com o seu conteúdo era restrita apenas à imaginação, seja porque a humanidade, enquanto ser coletivo, deseja as coisas com mais afinco. De modo geral, todos podem amar algo proibido, e na maioria dos casos o conhecimento é exatamente isso; ainda mais quando se trata de conhecimento perdido. Lugar-comum ou não, a Biblioteca de Alexandria nunca deixou de despertar nas pessoas certos anseio e urgência, e sempre fomos uma espécie bastante suscetível ao chamado do desconhecido longínquo.

Antes de ser destruída, diziam que a biblioteca abrigava mais de quatrocentos mil pergaminhos sobre história, matemática, ciências, engenharia e também magia. Muitas pessoas assumem, de maneira equivocada, que o tempo é uma inclinação constante, um arco calculado de crescimento e progresso; porém, quando a história é escrita pelos vencedores, a narrativa pode muitas vezes deturpar esse aspecto. Na realidade, o tempo que vivemos é apenas um misto de fluxo e refluxo, algo circular, e não uma linha reta. As tendências e estigmas sociais mudam, e o destino final nem sempre é o progresso. Com a magia não podia ser diferente.

A verdade pouco conhecida é que a Biblioteca de Alexandria se transformou em cinzas para salvar a si própria. Morreu para renascer, sendo suas chamas menos uma metáfora ao estilo fênix e mais algo estrategicamente sherlockiano. Quando Júlio César ascendeu ao poder, se tornou óbvio para os antigos Guardiões de Alexandria que um império só podia ser bem-sucedido sobre um trono de três bases: subjugação, desespero e ignorância. Eles também sabiam que o mundo seria para sempre rodeado por perseguições semelhantes, oriundas do despotismo e, assim, determinaram que, a fim de sobreviver, um arquivo tão valioso teria que ser escondido com muito cuidado.

Na verdade era um velho truque, morte e dissolução para recomeçar do zero. Esse renascimento dependia inteiramente da capacidade da biblioteca de guardar o próprio segredo. Os medeianos, os mais letrados entre a população mágica, receberam permissão para usufruir do conhecimento da biblioteca, contanto que também aceitassem o dever de preservá-la. Na sociedade que se ergueu do que restou da biblioteca, os privilégios de seus membros eram tão desiguais quanto suas responsabilidades. Todo o conhecimento que o mundo possuía existia na ponta dos dedos deles, e tudo o que tinham que fazer em troca era nutri-lo, fazê-lo crescer.

Conforme o mundo crescia — se estendendo para além das bibliotecas da Babilônia, Cartago e Constantinopla, abrangendo as coleções das bibliotecas islâmicas e asiáticas que foram perdidas para o imperialismo e o império —, cresciam também os arquivos alexandrinos. E, enquanto a influência medeiana se expandia, o mesmo acontecia com a chamada Sociedade Alexandrina. A cada dez anos, uma nova classe de potenciais iniciados era escolhida para passar um ano em treinamento, aprendendo as funções dos arquivos, algo que depois se tornaria um ofício para a vida toda. Por um ano, os indivíduos selecionados para a Sociedade viviam, comiam, dormiam e respiravam os arquivos e o conteúdo que guardavam. Ao fim daquele ano, cinco dos seis candidatos em potencial eram empossados. Em seguida, de modo independente, eles rigorosamente dariam continuidade aos estudos ao longo de um ano adicional na biblioteca, antes de receberem a oportunidade de ficar e continuar o trabalho como pesquisadores ou, o que era mais provável, aceitar uma nova oferta de emprego. Em geral, Alexandrinos se tornavam líderes políticos, patronos, CEOs e laureados. Depois da iniciação, o esperado para um Alexandrino eram fortuna, poder, prestígio e conhecimento inimagináveis; portanto, ser escolhido para a iniciação era o primeiro passo de uma vida recheada com possibilidades infinitas.

E foi isso o que Dalton Ellery comunicou ao mais recente grupo de candidatos, que não recebera qualquer informação quanto ao motivo de estarem ali ou pelo que estariam competindo. Era provável que ainda não tivessem percebido que, por estar naquela sala, Dalton Ellery era ele próprio um medeiano habilidoso e excepcional, do tipo que por gerações eles não voltariam a encontrar, um homem que escolhera esse caminho entre os muitos outros que poderia ter seguido. Assim como aquele grupo, ele havia um dia abdicado da pessoa que poderia ter sido e da vida que poderia ter vivido — o que, em

comparação, provavelmente teria sido algo mundano. Dalton teria exercido alguma profissão, talvez até uma lucrativa, se incorporando à economia mortal de alguma forma útil, mas sem testemunhar qualquer coisa do que vira por ter aceitado o convite da Sociedade. Por conta própria, Dalton Ellery poderia ter feito magia excepcional, mas acabaria se esquecendo da excelência. Inevitavelmente, sucumbiria à mundanidade, à luta, ao tédio, como acontece com todos os humanos em algum momento — mas agora, por causa daquilo, isso não aconteceria. As insignificâncias de uma existência insignificante contariam entre as muitas coisas que ele nunca mais arriscaria a partir do momento em que se sentou naquela sala, dez anos antes.

Dalton olhou para os candidatos e tornou a imaginar a vida que poderia ter vivido; a vida que *todos* ali poderiam ter vivido se não lhe tivessem sido oferecidas tais… riquezas. Glória eterna. Sabedoria sem igual. Ali, descobririam os segredos que o mundo escondera de si mesmo por séculos, milênios. Coisas que olhos comuns jamais veriam, que nenhuma mente inferior poderia entender.

Ali, na biblioteca, a vida deles mudaria. Ali, a pessoa que um dia foram seria destruída, como a própria biblioteca, apenas para ser reconstruída e escondida nas sombras, para nunca mais ser vista, exceto pelos Guardiões, Alexandrinos e fantasmas de vidas não vividas e caminhos não percorridos.

Grandeza não é algo fácil, mas essa parte Dalton não mencionou. Também deixou de lado que a grandeza nunca era oferecida a alguém que não poderia suportá-la. Apenas explicou o que era a biblioteca, os caminhos da iniciação e o que estava ao alcance deles — se ao menos tivessem a coragem de estender a mão e agarrar.

Eles ficaram em transe, como era de se esperar. Dalton era muito bom em soprar vida em coisas, ideias, objetos. Era uma habilidade sutil. Tão sutil que nem mesmo parecia ser magia, o que o tornava um acadêmico extraordinário. Na verdade, o tornava o rosto perfeito para a nova turma de Alexandrinos.

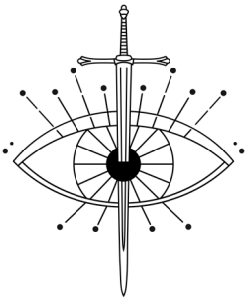
Antes mesmo de começar a falar, Dalton sabia que todos aceitariam a oferta. Na verdade, era apenas uma formalidade. Ninguém dispensava a Sociedade Alexandrina. Mesmo aqueles fingindo desinteresse seriam incapazes de resistir. Ele sabia que lutariam com unhas e dentes para sobreviver ao próximo ano da vida deles, e, se fossem escrupulosos e talentosos como a Sociedade presumia, a maioria sobreviveria.

A maioria.

Moral da história:

Cuidado com o homem que o enfrenta desarmado.
Se no olhar dele você não é o alvo, esteja certo de que é a arma.

I



ARMAS

· LIBBY ·

CINCO HORAS ANTES

O dia em que Libby Rhodes conheceu Nicolás Ferrer de Varona também foi, por coincidência, o dia em que descobriu que *enraivecida*, uma palavra que nunca tinha usado antes, era a única forma concebível de descrever o sentimento de estar perto dele. Foi, ainda, o dia em que Libby acidentalmente ateou fogo a várias cortinas centenárias no escritório da professora Breckenridge, a reitora, juntando num único incidente a admissão dela na Universidade de Artes Mágicas de Nova York e seu ódio inesgotável por Nico. Assim, todos os dias desde aquele tinham sido um exercício fútil de comedimento.

Deixando a incandescência de lado, aquele seria um dia muito incomum, já que finalmente seria o último. Salvos quaisquer encontros acidentais, nos quais Libby tinha certeza de que ambos fariam questão de se ignorarem — afinal, Manhattan era um lugar grande, cheio de pessoas ignorando umas às outras —, ela e seu maior adversário enfim estavam seguindo caminhos separados, o que significava que nunca mais teria que lidar com Nico de Varona de novo. Havia quase surtado por causa disso naquela manhã, o que o namorado dela, Ezra, presumiu ser consequência de uma das questões mais urgentes relacionadas à ocasião: se graduar como a melhor aluna da turma (ao lado de Nico, mas não fazia sentido focar isso) ou fazer o discurso de despedida da UAMNY. É óbvio que nenhuma das honrarias era de se ignorar, mas a perspectiva mais atraente era a novidade dos novos tempos que se aproximavam.

Era o último dia em que Libby Rhodes voltaria a ver Nico de Varona, e ela não poderia estar mais animada com a chegada de uma vida mais simples, superior e menos contaminada por Nico.

— Rhodes — cumprimentou Nico ao sentar-se ao lado dela no palco da cerimônia de formatura.

Pronunciou o sobrenome de Libby como se fosse uma bolinha de gude em sua língua, e então farejou o ar, brincalhão como sempre. Para algumas

pessoas, suas covinhas banhadas pelo sol e seu nariz charmoso e imperfeito (na medida *certa*) eram suficientes para compensar a altura nada impressionante e as inúmeras falhas de caráter. Para Libby, Nico de Varona não passava de uma mistura de boa genética e mais confiança do que qualquer humano do sexo masculino merecia ter.

— Hmm. Que estranho — disse ele. — Está sentindo cheiro de fumaça, Rhodes?

Muito engraçado. Hilário.

— Cuidado, Varona. Você sabe que este auditório está bem em cima de uma falha tectônica, não sabe?

— É claro que sei. Tenho que saber, já que vou trabalhar nela ano que vem, não é mesmo? — perguntou ele, em meio a devaneios. — Aliás, uma pena você não ter conseguido aquela bolsa.

Como não restava dúvida de que o comentário fora feito para irritá-la, Libby tomou a decisão certeira de se perder na multidão em vez de respondê-lo. Ela nunca tinha visto o auditório tão cheio, a vista dos graduandos e seus familiares se estendendo até os assentos nas varandas e se alastrando em direção ao vestíbulo.

Mesmo a distância, Libby identificou o único terno bom de seu pai, comprado havia pelo menos duas décadas para um casamento e usado desde então para comparecer a toda e qualquer ocasião, das menos formais até as mais luxuosas. Ele e a mãe de Libby estavam numa das fileiras do meio, a apenas algumas poltronas da parte central. Ao vê-los ali, Libby sentiu uma onda incontrolável de carinho, mas obviamente dissera a eles que não precisavam ir. Detestava incomodar e tudo o mais. Porém ali estavam seu pai, de terno, e sua mãe, de batom. Já a poltrona ao lado deles…

Estava vazia. Libby notou o assento vazio no momento em que uma adolescente usando tênis de cano alto serpenteou pela fileira, desviando da avó de alguém, apoiada em uma bengala, e lançando a todos um olhar rebelde e desafiador. Era uma justaposição tão sinistra e precisa, o semblante familiar do tédio adolescente (contrastando com o vestido de festa tomara que caia) e o assento vazio ao lado do dos pais. A visão de Libby mergulhou em algo que por um segundo ela achou ser uma preocupante cegueira repentina, ou talvez fossem apenas lágrimas.

Felizmente não era nenhuma dessas coisas. Afinal de contas, se Katherine ainda estivesse viva, já teria passado dos dezesseis anos. Libby, de algum

jeito, tinha ultrapassado a idade da irmã mais velha, e, embora a matemática continuasse impossível de ser feita, aquela ferida havia cicatrizado. Já não era mais algo fatal. Era só uma casquinha que ela gostava de cutucar às vezes.

Antes que Libby tivesse a chance de se afundar em masoquismo, viu outro borrão se movimentando pelas fileiras, cachos volumosos e desgrenhados pedindo desculpas ao passar e então se sentando no assento vazio. Ezra, que estava vestindo o único suéter que Libby não tinha acidentalmente desbotado durante a lavagem daquela semana, preencheu o espaço em que Katherine estaria, se inclinando para o lado para entregar ao pai de Libby a programação e oferecer um lencinho à mãe dela. Depois de um momento de conversas educadas, ele olhou para a frente e estudou o palco, os olhos brilhando ao pousarem em Libby. Então ele verbalizou alguma coisa: *Oi*.

A dor por conta da ausência de Katherine se atenuou e se transformou em alívio. A irmã teria odiado isso, inclusive o vestido de Libby, e provavelmente também seu corte de cabelo.

Oi, verbalizou Libby em resposta, sendo recompensada pela curva familiar do sorriso de Ezra. Ele era esguio, quase magricela, apesar de estar sempre beliscando alguma coisa, e por alguma razão era mais alto do que parecia à primeira vista. Seus movimentos eram quase felinos, e ela gostava disso, achava elegante. A tranquilidade. Isso a acalmava.

Ao contrário da presença ao seu lado. Nico tinha seguido o olhar dela, um sorriso despontando dos cantos da boca.

— Ah, estou vendo que Fowler também veio.

Libby, que por um segundo glorioso esqueceu que Nico estava ali, se irritou com a menção a Ezra.

— Por que ele não estaria?

— Ah, nada, não. Só achei que a essa altura você talvez tivesse subido de nível, Rhodes.

Deixa pra lá, deixa pra lá, deixa pra lá…

— Na verdade, Ezra acabou de ser promovido — retrucou ela, friamente.

— Da mediocridade à competência?

— Não, de…

Libby se calou, fechando o punho e contando até três em silêncio.

— Agora ele é gerente de projetos.

— Uau, que *impressionante* — disse Nico, seco.

— Sua gravata está torta — informou ela, conferindo à voz um tom de impassividade, e ele, por reflexo, ergueu a mão para endireitar a peça. — Gideon não a ajustou para você na entrada?

— Ajustou, mas… — começou Nico, percebendo o que estava acontecendo enquanto Libby se parabenizava em silêncio. — Muito engraçado, Rhodes.

— Como assim?

— O Gideon é minha babá, hilário. Uau, que inovador e diferente.

— Como se zombar do Ezra fosse revolucionário.

— Não é minha culpa se a inadequação de Fowler é um assunto que rende — respondeu Nico, e, se os dois não estivessem diante de todos os colegas de classe e de um grande número de professores e funcionários, Libby não teria se forçado a respirar fundo mais uma vez e se recompor. Sua vontade era ceder ao que quer que suas habilidades a levassem a fazer.

Infelizmente, atear fogo às roupas de baixo de Nico de Varona era considerado um comportamento inaceitável.

Último dia, Libby se recordou. Último dia de Nico.

Ele podia dizer o que quisesse, porque não faria diferença.

— Tudo certo com seu discurso? — perguntou Nico, e ela revirou os olhos.

— Como se eu fosse te contar.

— E por que não contaria? Sei que você tem medo de falar em público.

— Eu não tenho… — Outra pausa para respirar. Então, para garantir, inspirou o ar mais uma vez. — Eu não tenho medo de falar em público — rebateu ela, mais calma —, e, mesmo se tivesse, o que exatamente você ia fazer para me ajudar?

— Ah, você achou que eu estava oferecendo ajuda? — indagou Nico, irônico. — Desculpe, não foi minha intenção.

— Você ainda está chateado por não ter sido escolhido para discursar?

— Ah, por favor — zombou Nico, baixinho —, você e eu sabemos que ninguém perdeu tempo votando em algo tão idiota para escolher quem deve fazer o discurso de formatura. Metade das pessoas aqui já está bêbada — observou ele.

Por mais que Libby soubesse que ele tinha razão, jamais admitiria isso, sabia que era um assunto delicado. Ele podia até fingir indiferença, mas Nico nunca gostou de perder para ela, quer considerasse um assunto relevante ou não.

Libby sabia disso porque, no lugar dele, teria se sentido exatamente do mesmo jeito.

— Ah, é? — provocou ela, se divertindo. — Se ninguém liga, então como é que eu ganhei?

— Porque você foi a única que *votou*, Rhodes. Não ouviu o que eu disse?

— Rhodes — advertiu a reitora Breckenridge, passando pelo assento deles no palco enquanto a procissão ao redor continuava. — Varona. Seria demais pedir a vocês que se comportem pela próxima hora?

— Professora — responderam os dois, forçando sorrisos idênticos enquanto Nico remexia a gravata mais uma vez, de um jeito impulsivo.

— Sem problemas — garantiu Libby à reitora, sabendo que nem Nico seria idiota a ponto de discordar. — Está tudo bem.

Breckenridge arqueou a sobrancelha.

— A manhã está indo bem, então?

— Às mil maravilhas — disse Nico, dando um de seus sorrisos charmosos.

Para falar a verdade, aquilo, o fato de ele não ser insuportável com todos que não fossem Libby, era o que mais a irritava. Nico de Varona era o favorito dos professores, e todos os estudantes da universidade queriam ser ele ou namorá-lo, ou ao menos serem seus amigos.

Numa análise bem distante e *extremamente* generosa, Libby conseguia entender. Nico era idolatrado, o que era injusto, e não importa quão esperta ou talentosa ela fosse, era ele o preferido de todos. Qualquer que fosse o dom que ele tivesse, era uma espécie de toque de Midas. Sem se esforçar, Nico tinha o poder de transformar bobagens em ouro, mais um reflexo do que uma habilidade, na verdade, algo que Libby, uma acadêmica excepcional, nunca fora capaz de aprender. O charme natural de Nico não tinha como ser mensurado ou estudado, não havia qualquer traço de sutileza.

Nico também tinha uma capacidade monstruosa de fazer as pessoas acreditarem que ele sabia do que estava falando, mesmo quando obviamente não sabia. De vez em quando, talvez. Mas com certeza não era sempre.

Porém, pior do que o catálogo de inaptidões de Nico era o que ele *tinha*, ou seja, o emprego que Libby tanto desejara — não que ela fosse admitir isso. Óbvio, ser contratada no melhor empreendimento mágico de Manhattan não era pouca coisa. Ela forneceria fundos para tecnologia medeiana inovadora, tendo à sua disposição um portfólio de ideias empolgantes com grande potencial para crescimento e capital social. Chegara a hora de colocar a mão na massa. O mundo estava superpovoado; seus recursos, esgotados e utilizados em excesso; fontes de energia alternativa eram mais indispensáveis do que

nunca. Com o tempo, ela poderia mudar a própria estrutura dos avanços medeianos — teria o poder de escolher essa ou aquela start-up para alterar o progresso de toda a economia global, e também receberia um bom salário para fazer isso. Mas ela *queria* a bolsa de estudos em pesquisa na UAMNY, e isso, óbvio, fora dado apenas para Nico.

Enquanto a reitora Breckenridge sentava-se e Nico fingia ser uma pessoa razoável, Libby pensou no futuro brilhante que a aguardava, quando as coisas não se resumiriam aos dois competindo.

Por quatro anos, Nico tinha sido uma presença inevitável em sua vida, um tipo incômodo de órgão vestigial, um órgão atrofiado que perdeu sua função. Físicos medeianos com domínio dos elementos eram raros. Na verdade, tão raros que eles dois tinham sido os únicos. Por quatro longos e torturantes anos, foram enfiados todas as vezes na mesma turma juntos, sem trégua, a extensão de suas proezas igualada apenas pela força da antipatia que sentiam um pelo outro.

Para Nico, que estava acostumado a ter tudo que queria e do jeito que queria, Libby não passava de uma inconveniência. No momento em que se conheceram, ela o achou metido e arrogante, não hesitando em lhe informar sua opinião, e não havia nada que Nico de Varona odiava mais do que alguém que não o adorava logo de cara. Era provável que aquela tivesse sido sua primeira rejeição. Conhecendo-o como ela o conhecia, a ideia de existir uma mulher que não caía a seus pés devia lhe tirar o sono. No entanto, para Libby aquela relação era bem mais complexa. Além das personalidades conflitantes, Nico era muito pior do que um babaca qualquer. Era um lembrete irritante e classista de tudo o que Libby fracassou em ter.

Nico vinha de uma proeminente família de medeianos e havia treinado desde criança na privacidade de seu luxuoso palácio (assim deduzira ela), em Havana. Libby, uma nativa de Pittsburgh cuja linhagem suburbana não incluía nenhum medeiano nem bruxas, havia planejado ir à Universidade Columbia até que a UAMNY, por meio da reitora Breckenridge, a contatou. Ela não sabia nada sobre os princípios básicos medeianos ou sobre teoria mágica, e precisou se dedicar mais do que qualquer um ali, apenas para esse esforço ser ignorado com um "Sim, isso é muito bom, Libby… E, agora, Nico, que tal se você tentar?".

Nico de Varona jamais experimentaria aquela sensação, pensou Libby de novo, como havia feito mais vezes do que conseguia contar. Nico era bonito,

esperto, encantador, rico. Libby era… poderosa, sim, tanto quanto ele, um poder que muito provavelmente aumentaria com o tempo, considerando sua disciplina. Mas, com quatro anos de Nico de Varona como parâmetro para conquistas mágicas, Libby via seu potencial injustamente minado. Se não fosse por Nico, seus estudos poderiam ter corrido sem grandes perturbações, talvez ela até tivesse achado tudo fácil demais. Não teria que se preocupar com um rival, sequer com um semelhante. Afinal de contas, com Nico fora da jogada, quem seria páreo para ela?

Ninguém. Libby nunca encontrara alguém que chegasse perto da proficiência dela ou de Nico com a magia física. Para um medeiano inferior, seriam necessárias quatro horas e um esforço hercúleo para criar, do nada, os pequenos tremores causados pela menor alteração no humor dela, da mesma forma que uma simples faísca causada por Libby fora o suficiente para garantir uma bolsa de estudos na UAMNY e, logo em seguida, um emprego lucrativo. Aquele tipo de poder teria sido reverenciado, até exaltado, se fosse único — e, pela primeira vez, ele seria. Sem Nico ao lado dela para ser usado como parâmetro, Libby enfim estaria livre para se sobressair sem ter que quase se matar para se destacar.

Na verdade, era um pensamento estranho e estranhamente solitário. Mas ao mesmo tempo empolgante.

Ela sentiu um pequeno tremor sob os pés e ergueu a cabeça, percebendo que Nico parecia perdido em pensamentos.

— Ei, para — disse, dando uma cotovelada no garoto.

Nico lançou a ela um olhar entediado.

— Nem sempre sou eu, Rhodes. Eu não fico culpando você por incêndios florestais.

Libby revirou os olhos.

— Sei a diferença entre um terremoto e um chilique ao estilo Varona.

— Cuidado — advertiu ele, o olhar indo ao encontro de onde Ezra estava sentado, ao lado dos pais dela. — Não queremos que Fowler nos veja brigando de novo, não é? Pode passar a impressão errada.

Sério, de novo aquela história.

— Você percebe que sua obsessão com meu namorado é uma infantilidade, não é, Varona? Você está acima disso.

— Eu não sabia que você achava que havia alguma coisa abaixo de mim — respondeu Nico, blasé.

Do outro lado do palco, Breckenridge lançou a eles mais um olhar de advertência.

— Só supera — murmurou Libby.

Nico e Ezra se odiaram durante os dois anos em que todos eles estudaram juntos na UAMNY antes de Ezra se formar, um atrito que nem chegava a envolver Libby. Nico nunca tinha passado por qualquer dificuldade na vida, então a complexidade da resiliência de Ezra pouco lhe importava. Libby e Ezra entendiam a dor da perda; a mãe do namorado morrera quando Ezra ainda era criança, deixando-o sozinho no mundo. Já Nico provavelmente não sabia nem o que era queimar uma torrada.

— Só para lembrar, você nunca mais vai precisar vê-lo de novo. *Nós* — consertou ela em seguida — nunca mais vamos precisar nos ver de novo.

— Você faz soar tão trágico, Rhodes.

Ela o fuzilou com o olhar, e Nico virou a cabeça, dando um sorrisinho.

— Onde há fumaça… — murmurou ele, e Libby sentiu outra onda de ódio.

— Varona, será que você pode…

— … um prazer apresentar a vocês sua co-oradora, Elizabeth Rhodes! — disse a voz do locutor da cerimônia enquanto Libby erguia a cabeça, percebendo que a plateia agora a encarava com expectativa e Ezra franzia a testa, sugerindo que tinha visto o bate-boca dela com Nico outra vez.

Libby forçou um sorriso, ficando de pé e dando um chute na canela de Nico.

— Tente não mexer no cabelo.

Foi a bênção de despedida de Nico, dita baixinho e, é óbvio, com a intenção de fazê-la ficar obcecada com a franja que, ao longo dos dois minutos do discurso, ameaçou cair sobre seus olhos.

Irritá-la era uma das magias medíocres de Nico. O discurso em si (provavelmente) correu bem, embora, quando terminou, Libby quisesse muito chutar o rival de novo. Em vez disso, se jogou de volta no assento e se lembrou de como sua vida ia ser maravilhosa em aproximadamente vinte minutos, quando se livrasse de Nico de uma vez por todas.

— Muito bem, vocês dois — disse a reitora Breckenridge com ironia, apertando a mão deles enquanto saíam do palco. — Uma cerimônia de formatura inteira sem nenhum incidente, impressionante.

— De fato, somos muito impressionantes — concordou Nico, num tom que teria feito Libby dar um tapa nele, não fossem a risada contida e o balan-

çar de cabeça afetuoso da reitora, saindo pelo lado oposto enquanto Libby e Nico desciam a escada.

Chegando à multidão de graduandos e seus convidados, Libby parou, tentando conjurar algo terrível, uma última e devastadora maldição de despedida, palavras que assombrassem Nico enquanto ela se afastava, saindo da vida dele para sempre.

Mas, em vez disso, ela estendeu a mão, decidindo ser adulta.

Sensata.

Et cetera.

— Então… tenha uma boa vida — disse, enquanto Nico lançava um olhar cético para a palma dela.

— *É isso* o que você tem a dizer, Rhodes? — perguntou ele, contraindo os lábios. — Vamos lá, você consegue fazer melhor. Sei que você deve ter ensaiado no chuveiro.

Como ele era irritante.

— Deixa pra lá — respondeu ela, retraindo a mão e dando meia-volta. — Até nunca mais, Varona.

— Melhor — comentou ele atrás dela, dando um aplauso indiferente. — *Bra-vo*, Elizabeth…

Ela voltou, fechando o punho.

— Então me diz… O que *você* tem a dizer?

— Para que perder tempo contando agora? — perguntou ele, com um sorrisinho satisfeito. — Vou deixar você imaginando. Sabe — acrescentou, se aproximando —, quando você precisar de alguma coisa para ocupar sua mente durante sua vida monótona com o Fowler.

— Você não é fácil, hein? — Libby perdeu a paciência. — Fazer pirraça não é sexy, Varona. Daqui a dez anos você vai estar sozinho, sem poder contar com ninguém além do Gideon, que ainda vai estar escolhendo suas gravatas, e, acredite, não vou gastar um segundo sequer pensando em você.

— Enquanto isso, daqui a dez anos *você* vai estar atolada com três bebês Fowler — rebateu Nico. — Se perguntando o que foi que aconteceu com sua carreira enquanto seu marido patético pergunta se o jantar está pronto.

Novamente ela se encontrava daquela forma:

Enraivecida.

— Se eu nunca mais vir você, Varona — sibilou Libby, baixinho —, ainda vai ser *cedo demais*…

— Com licença — disse a voz de um homem ao lado, e Nico e Libby se viraram para ele.

— O que foi? — perguntaram os dois em uníssono, e a pessoa, seja lá quem fosse, sorriu.

Era negro, a cabeça raspada reluzindo um pouco, e aparentava estar na casa dos quarenta anos. Destacava-se entre a multidão de alunos cada vez menor e era britânico até demais, desde os maneirismos à vestimenta (tweed, muito tweed, com uma pitada de xadrez), e bem alto.

Também era bastante inconveniente.

— Nicolás Ferrer de Varona e Elizabeth Rhodes? — indagou o homem. — Gostaria de fazer uma proposta a vocês.

— Nós já estamos empregados — informou Libby, irritada, evitando a resposta inevitavelmente aristocrática de Nico. — E, mais importante, estamos ocupados agora.

— Sim, estou vendo. — O homem parecia se divertir. — No entanto, estou com pouco tempo, e temo que, quando se trata da minha proposta, preciso mesmo ter o melhor.

— E qual de nós seria o melhor, exatamente? — quis saber Nico, olhando para Libby por um minuto gratuito de presunção antes de se virar para o homem, que estava com um guarda-chuva preso debaixo do braço. — A não ser, é claro, que o melhor seja…

— Vocês dois — confirmou o homem, e Nico e Libby trocaram um olhar que dizia *é óbvio* —, ou, talvez, apenas um. — Ele deu de ombros, e Libby, apesar do desinteresse, franziu um pouco a testa. — Quem vai conseguir depende de vocês, não de mim.

— Conseguir? — questionou ela antes de sequer perceber que estava falando. — O que isso significa?

— Só há espaço para cinco — disse o homem. — Seis são escolhidos. Os melhores do mundo — acrescentou.

— Do *mundo*? — repetiu Libby, desconfiada. — Que exagero.

O homem inclinou a cabeça.

— Bem, fico feliz em atestar nossos parâmetros. Há quase dez bilhões de pessoas no mundo neste momento, certo? — começou ele, e Libby e Nico, confusos, assentiram. — Para ser mais exato, nove bilhões e meio, das quais apenas uma porção é mágica. Cinco milhões, mais ou menos, podem ser classificadas como bruxas. Dessas, apenas seis por cento são identificadas

como feiticeiras medeianas-de-calibre, elegíveis para treinamento em nível universitário em instituições espalhadas pelo mundo. Apenas dez por cento dessas se qualificarão para as melhores universidades, como esta — disse ele, gesticulando para os cartazes da UAMNY. — Desse modo, apenas uma pequena fração, um por cento ou menos, é considerada pelo meu comitê de seleção. A grande maioria é prontamente eliminada. Isso nos deixa com trezentas pessoas. Desses trezentos graduandos, outros dez por cento *podem* ter as qualificações requeridas: especialidades, performance acadêmica, traços de personalidade etc.

Trinta pessoas. Nico lançou a Libby um olhar convencido, como se soubesse que ela estava fazendo a conta, e ela, por sua vez, devolveu um olhar desdenhoso, como se soubesse que ele não estava.

— E então, obviamente, vem a parte divertida, a *verdadeira* seleção — continuou o homem, como se tivesse todo o tempo do mundo, opulência evidenciada pelo refinado traje de tweed. — Quais estudantes têm a magia mais rara? As mentes mais questionadoras? A vasta maioria dos seus colegas de classe mais talentosos servirão à economia mágica como contadores, investidores, advogados mágicos — informou-lhes o homem. — Talvez os poucos que são raros vão criar algo realmente especial. Mas apenas trinta pessoas no total são boas o suficiente para serem consideradas extraordinárias, e dessas apenas seis são raras o bastante para serem convidadas a passar pela porta.

O homem abriu um sorriso contido.

— Ao fim do ano, apenas cinco voltarão por ela. Mas esse é um assunto para o futuro.

Libby, que ainda estava surpresa pelos parâmetros de seleção, permitiu que Nico falasse primeiro.

— Você acha que existem quatro pessoas melhores que Rhodes ou eu?

— Acho que há seis pessoas cujo talento é igualmente extraordinário, pelo qual você poderá ser qualificado ou não — respondeu o homem com um ar impaciente, como se não devesse mais haver dúvidas quanto àquilo.

— Então você quer que a gente entre numa competição — observou Libby amargamente, dando uma olhadela em Nico —, de novo.

— E com mais outros quatro — concordou o homem, estendendo um cartão para os dois. — Atlas Blakely — informou-lhes, enquanto Libby lia a inscrição no papel. ATLAS BLAKELY, GUARDIÃO. — Como eu disse, gostaria de lhes fazer uma proposta.

— Guardião de quê? — perguntou Nico, e o homem, Atlas, abriu um sorriso malicioso.

— É melhor que eu explique para todos de uma só vez. Perdoem-me, mas é uma explicação bastante longa, e minha oferta termina em algumas horas.

Libby, que quase nunca era impulsiva, permaneceu cautelosamente relutante.

— Você não vai nem nos dizer do que se trata? — questionou, considerando as táticas de recrutamento inutilmente furtivas. — Por que a gente aceitaria uma coisa dessas?

— Bem, essa parte não cabe a mim, não é? — disse Atlas, dando de ombros. — Enfim, como mencionei, tenho um cronograma bastante apertado — repetiu, enfiando o guarda-chuva debaixo do braço conforme a multidão restante, agora reduzida a apenas alguns gatos pingados, começou a esvaziar os corredores. — O fuso horário é uma questão complicada. Posso contar com qual de vocês? — Atlas olhou de um para o outro, e Libby franziu a testa.

— Pensei que você tivesse falado que a decisão era nossa.

— Ah, e no fim das contas é mesmo, com certeza — respondeu Atlas, assentindo. — Presumi que apenas um de vocês aceitaria, já que ambos pareciam tão ávidos em irem embora e seguirem com suas vidas.

O olhar de Libby esbarrou no de Nico, os dois transparecendo a irritação que sentiam.

— E então, Rhodes? — disse Nico, em seu suave tom de zombaria. — Você quer contar a ele que sou o melhor ou devo contar?

— Libs — soou a voz de Ezra, aproximando-se a passos largos de Libby, de costas para ele.

Ela vislumbrou o cabelo preto e desgrenhado do namorado e tentou parecer o mais calma possível, como se não estivesse fazendo a única coisa que sempre fazia quando estava perto de Nico (ou seja, inevitavelmente perdendo a cabeça).

— Pronta para ir? Sua mãe está esperando lá fo…

— Ah, *olá*, Fowler — cumprimentou Nico, encarando Ezra com um sorriso de desdém. — Gerente de projetos, hein?

Libby sentiu o estômago revirar. É claro que ele dissera aquilo para ofender Ezra. Era uma posição prestigiosa para qualquer medeiano, mas Nico de Varona não era qualquer medeiano. Ele ia se tornar algo grande, algo… *extraordinário.*

Era um dos seis melhores do mundo.

Do *mundo*.

E ela também.

Mas para quê?

Libby piscou, despertando de seus devaneios ao perceber que Nico ainda falava.

— … discutindo um assunto aqui, Fowler. Será que você pode nos dar licença?

Ezra olhou com desconfiança para a namorada, franzindo a testa.

— Você…

— Estou bem — garantiu-lhe ela. — Só… espere um segundo, está bem? Só um segundo — repetiu, afastando-o e se virando antes de perceber, tarde demais, que Ezra não tinha dado qualquer indicação de que notara outra pessoa ali.

— E então, Nicolás? — perguntava Atlas a Nico, cheio de expectativa.

— Ah, por favor, me chame de Nico. — O garoto colocou o cartão de Atlas no bolso, dando a Libby um olhar pomposo de satisfação enquanto estendia a mão direita. — Quando devo esperar encontrá-lo, sr. Blakely?

Ah, não.

Ah, *não*.

— Pode me chamar de Atlas, Nico. E o cartão poderá ser usado para o transporte esta tarde — explicou Atlas, e então se virou para Libby. — Quanto a você, srta. Rhodes, devo dizer que estou decepcionado — disse ele, lançando a mente da jovem em um turbilhão de pensamentos —, mas, de qualquer forma, foi um pra…

— Estarei lá — interrompeu Libby, e, para a fúria dela, a boca de Nico se curvou em um sorrisinho entretido e pouco surpreso com sua decisão. — É só uma proposta, certo? — disse, em parte para Nico, em parte para Atlas, sobrando um pedacinho para si mesma. — Posso escolher aceitar ou não depois que você explicar, não é?

— Certamente — confirmou Atlas, inclinando a cabeça. — Verei vocês dois esta tarde, então.

— Só uma coisinha — acrescentou Libby, fazendo uma pausa depois de uma olhada rápida para Ezra, que os observava a distância, com as sobrancelhas arqueadas, o cabelo parecendo desgrenhado até demais, como se ele o tivesse bagunçado com a mão, inquieto. — Meu namorado não consegue ver você? — Quando Atlas assentiu, ela perguntou, hesitante: — Então o que exatamente ele acha que estamos fazendo agora?

— Ah, acredito que ele está preenchendo as lacunas com algo que sua mente considera razoável — disse Atlas, e Libby sentiu-se ficar um pouco pálida, não totalmente fascinada com o que poderia ser. — Até esta tarde, então — acrescentou ele antes de desaparecer, deixando Nico sacudindo o corpo com uma risada silenciosa.

— Do que você está rindo? — sibilou Libby, olhando para ele.

Após alguns segundos para se recompor, Nico deu de ombros, indicando Ezra com o olhar.

— Acho que você vai descobrir. Vejo você mais tarde, Rhodes — despediu-se ele, e partiu com uma reverência pomposa, e Libby se perguntou se não havia, de fato, sentido cheiro de fumaça mais cedo.

Conhecimento é carnificina. É isso que vão descobrir os mágicos selecionados para a iniciação na Sociedade Alexandrina, instituição secreta que abriga os guardiões do conhecimento perdido das grandes civilizações da Antiguidade. Aqueles que conquistam um lugar entre os Alexandrinos se tornam símbolos de riqueza, poder e prestígio.

A cada década, são convocados apenas os seis mágicos mais talentosos e excepcionais do mundo. Dessa vez, são: Libby Rhodes e Nico de Varona, que conseguem controlar todos os elementos da fisicalidade; Reina Mori, naturalista capaz de intuir a linguagem da vida; Parisa Kamali, telepata que navega pelas entranhas do subconsciente; Callum Nova, empata que manipula os desejos e vontades das pessoas; e Tristan Caine, que possui a rara habilidade de ver através das ilusões e criar uma nova estrutura da realidade.

Recrutados pelo misterioso Atlas Blakely, os seis terão um ano para provar a serventia de seus poderes à Sociedade e precisarão trabalhar juntos para decifrar enigmas envolvendo tempo e espaço, acaso e destino, vida e morte.

Mas apenas cinco poderão concluir a iniciação.

Conforme são desafiados por missões cada vez mais sombrias, os mágicos vão descobrir que conhecimento é poder e que o poder é viciante e perigoso, principalmente ao cair nas mãos erradas. Primeiro volume da fenomenal trilogia de Olivie Blake, *A sociedade de Atlas* constrói uma trama complexa e envolvente em que magia, poder e intriga são as armas de um jogo incendiário do qual só se pode escapar apostando todas as fichas.

Best-seller do *New York Times*, o livro se tornou um fenômeno no TikTok, com mais de 10 milhões de menções na plataforma, e teve os direitos de adaptação adquiridos pela Amazon Studios.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1171/